



Lantejoulas ao vento – Auge e decadência do carnaval de Governador Valadares¹

Ana Luiza FERREIRA²

Mariana PROCÓPIO³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O livro-reportagem *Lantejoulas ao vento – auge e decadência do carnaval de Governador Valadares*, narra a trajetória desse carnaval identificando as razões que causaram sua extinção. Mais do que apenas contar essa história, pretende-se utilizar e discutir a respeito do veículo livro-reportagem. Além de suas características principais, como a liberdade temática e linguagem mais leve, também pretende-se abordar este veículo como um instrumento capaz de fugir da agenda dos meios de comunicação tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; Governador Valadares; agenda alternativa; livro-reportagem.

1 INTRODUÇÃO

O objeto da pesquisa aqui tratado é o antigo carnaval de Governador Valadares. O carnaval, festa popular, tem uma de suas origens na Grécia antiga, como cultos ao deus do vinho, Dionísio. Essas festas envolviam bebidas e orgias sexuais, e por isso a festa era repudiada aos olhos da Igreja Católica. Contudo, após a aceitação da festa pela Igreja Católica, a data de sua realização, anterior à quaresma, período de sacrifícios, servia como um culto à liberdade antes de entrar num período religioso e de introspecção.

No Brasil, o carnaval chegou por volta do século XVII sob influência européia. Trazido pelos portugueses, realizava-se o entrudo, do latim *introitu*, de entrada ou princípio, uma espécie de brincadeira na qual participavam homens e mulheres, travando batalhas nas ruas. O clima de inversão da ordem social, ou até mesmo pura desordem social já estava presente. Com o decorrer do tempo, a festa sofreu algumas modificações no Brasil, surgindo o carnaval como o conhecemos, em suas diversas manifestações.

Em Governador Valadares, o carnaval já era brincado desde o início do desenvolvimento da cidade, e mesmo ainda quando esta era distrito da cidade de Peçanha. Nessa época, caracterizava-se pelo uso de fantasias, batalhas de confete e, principalmente, pelo desfile do corso, no qual as famílias de mais posses desfilavam fantasiadas em seus carros, enquanto a população de menor poder aquisitivo se distraía e divertia vendo passar

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo modalidade Livro-reportagem.

² Aluno líder e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social -Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, email: zanaferreiragv@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social -Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, email: marianaprocopio@yahoo.com.br



as bonitas fantasias. A formação de blocos e cordões também já manifestavam, embora mobilizassem menos pessoas e não recebessem tanto destaque. O surgimento dos clubes, *Minas* e, mais tarde, *Ilusão*, faz dos bailes carnavalescos de salão outra atração, voltada porém só para aqueles que pudessem pagar, embora também fizessem sua participação na rua.

No meio da década de 50, filhos da terra que haviam passado temporada no Rio de Janeiro, ou forasteiros que de lá vieram, trouxeram para a cidade outro jeito de se participar do carnaval: através de escolas de samba. Antônio Paulino cria em 55 a primeira escola de samba valadarense, a Bate-Papo. Logo um dos integrantes da Bate-Papo que também já havia tido sua temporada no Rio funda outra escola, a Milionários do Ritmo. O carnaval em Valadares torna-se movimentado devido à competição entre os dois clubes e a disputa das escolas de samba, sendo considerado uma festa muito bonita e motivo de atração turística para a cidade, tendo, em alguns anos, lotação esgotada em todos seus hotéis e pensões.

O carnaval dessa época pode ser dividido em dois momentos diferentes. Havia o típico carnaval de rua, com o desfile das Escolas de Samba e dos carros alegóricos dos dois clubes, considerados o brilho principal da festa. Ao mesmo tempo, os principais clubes da cidade, promoviam bailes dançantes em suas sedes sociais. Cada clube tinha diversos blocos, e outros mais eram criados pelo resto da cidade.

Algumas pessoas independentes também elaboravam carros alegóricos vez ou outra enquanto as escolas de samba concorriam umas com as outras para ter o melhor enredo, as melhores alas, o melhor samba. Por esses motivos todos os valadarenses consideravam o carnaval de sua cidade como “o melhor do interior de Minas”.

Porém, no meio da década de 60, por motivos econômicos os clubes interrompem suas atividades no carnaval de rua, não mais lançando carros alegóricos e disputando entre si somente com blocos, o que já é uma primeira perda para o famoso carnaval. As Escolas de Samba, vindas dos morros e muito aclamadas nos anos anteriores, crescem muito e não têm como se manterem sozinhas, necessitando de ajuda da administração pública, que é fraca em muitas vezes, e ausente em outras tantas. Assim, o carnaval vai perdendo o seu brilho, com a diminuição das atividades das escolas de samba, dos blocos e dos clubes. No final da década de 80, o carnaval de Governador Valadares finalmente chega ao fim.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem *Lantejoulas ao vento* pretende identificar as possíveis causas que levaram à extinção do carnaval. Além disso, visa utilizar o livro-reportagem como uma



possível alternativa de agenda, fugindo da agenda tradicional dos veículos de comunicação que não tem espaço suficiente para tratar de assuntos não-factuais.

3 JUSTIFICATIVA

Por ter crescido ouvindo as histórias da minha mãe e tia que desfilaram no antigo carnaval, cresceu em mim a curiosidade sobre esse evento, a qual não pôde ser saciada devido à uma falta de literatura valadarense que aborde com profundidade esse evento tão importante na história da cidade. Nos poucos livros existentes que citam o evento, este recebe meras duas a quatro páginas, e só aborda a disputa dos clubes *Minas* e *Ilusão* e destaca alguns foliões da elite. Ou seja, não aborda blocos, escolas de samba e a parte popular que ajudou a construir a festa, o que é a maior parte dessa história.

Nos veículos de comunicação da sociedade não há espaço para tratar do assunto. A agenda fechada de tais veículos faz com que esse evento só seja lembrado no período de carnaval. Além disso, nenhum deles possui espaço suficiente para contar toda a rica história da festa. Assim, mesmo com três emissoras de televisão, seis de rádio e um jornal diário, não há um único meio que possa dar aos valadarenses informações profundas sobre o carnaval a qualquer tempo.

Quem poderia ser esta ligação entre o extinto carnaval e os valadarenses seria o Museu da Cidade. Entretanto, este não possui sede própria adequada, e nas várias mudanças feitas muito material foi perdido. Doações variadas feitas por ex-foliões e familiares foram perdidas ao longo do tempo.

Essa carência de informações causa, atualmente, esquecimento por parte daqueles que vivenciaram a festa e ignorância por parte das novas gerações. Para lutar contra esse processo de esquecimento, a escolha de fazer um livro-reportagem foi por ser um veículo que permite uma narrativa de fôlego, utilizando linguagem mais livre e leve, permitindo um tratamento mais adequado à uma festa de expressão popular.

Vale ainda ressaltar esse caráter de festa popular, pois tal festa tem sido associada ao redor do mundo com o próprio *ser brasileiro*, ou como algo que especifica o brasileiro no exterior como em frases como: "Fulano é do Brasil, do país do carnaval". Ainda que quando se diga "o país do carnaval" se lembre exclusivamente do carnaval espetáculo do Rio de Janeiro, há outras manifestações carnavalescas dentro do próprio território brasileiro e é importante revelar tais especificidades momescas de um carnaval do interior em um livro-reportagem.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Durante o processo de pesquisa das informações e realização de entrevistas, utilizamos da História Oral e da Entrevista em Profundidade. Sobre o primeiro método, deve-se entender o conceito de que os personagens anônimos, não oficiais, também ajudam a construir a história, ainda que não sejam lembrados por ela, e têm legitimidade para falar dela e ajudar na reconstrução de eventos históricos através de depoimentos, fotos, descrições de lugares, pessoas e quaisquer outros fatos que colaborem na tentativa de reconstruir o que se passou. Assim, a História Oral se utiliza de depoimentos de pessoas para reconstruir fatos passados. Uma vez que a festa popular carnavalesca de Governador Valadares não possui grandes registros escritos, a forma de se buscar e aprofundar o passado foi através dos métodos da História Oral, colhendo entrevistas com as pessoas que participaram direta e ativamente da festa, ou com seus parentes próximos em caso de morte, transcrevendo-as e buscando analisar o conteúdo obtido de forma coerente.

A técnica de Entrevista em Profundidade, utilizada conjuntamente com a História Oral, foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, nas quais parte das perguntas seguiram um roteiro já elaborado previamente, mas com possibilidade de abordar questões não previstas anteriormente. Esses resultados combinados a outras fases de pesquisa deram suporte maior para se desvendar o passado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de escrita do livro-reportagem contando a história do carnaval de Governador Valadares pode ser dividido em três etapas: pré-produção e produção.

Na etapa de pré-produção, utilizamos os arquivos do jornal *Diário do Rio Doce*, no período compreendido entre os anos de 1959 até 1994, sempre observando os meses que precediam o carnaval, a ocorrência da festa e suas repercussões. Atualmente, este é o único jornal da cidade já existente desde a época de ouro do carnaval, e o arquivo de antigos jornais locais não mais existem. Esta é a razão da pesquisa se basear apenas nos arquivos de um jornal.

Para realizar as entrevistas, os métodos da História Oral e de Entrevista em Profundidade foram amplamente utilizados, já previamente descritos. Em relação ao tipo de fontes, a princípio foram divididas em três núcleos, que permitiram visualizá-las em relação ao tipo de atividade que desenvolviam no carnaval, direcionando o tipo de informação a ser buscada em cada núcleo.

O primeiro núcleo seria o *Carnavalesco*, englobando aqueles que trabalhavam diretamente para os festejos carnavalescos em escolas, blocos, como foliões, ou parentes próximos desses, em caso de morte. O segundo grupo, o da *Imprensa*, reuniu aqueles que, como membros da imprensa, analisaram o carnaval e administração pública. O último núcleo, *Político*, aglomerou aqueles que participaram da administração municipal e coordenaram ou se ausentaram da organização da infra-estrutura e divulgação do carnaval.

Esta divisão de núcleos foi importante para o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre as fontes e o que delas se falava. Na prática, porém, não foi possível entrevistá-las com equilíbrio entre o número de fontes de cada núcleo. Primeiro porque muitas importantes já tinham falecido. Segundo que algumas fontes vivas não concederam entrevista. Dessa forma, o núcleo Carnavalesco foi predominante entre as fontes utilizadas na pesquisa, tanto por serem mais abundantes, quanto por terem mais vontade de falar a respeito.

A combinação dos dados fornecidos pelas fontes, associados às informações coletadas nos jornais da época, permitiram traçar de forma satisfatória a trajetória do carnaval. Porém, os dados fornecidos pela memória coletiva atuaram principalmente no sentido de reconstituir a "alma" ou o "clima" da festa, com elementos que eram comuns a todos os carnavais. Em nosso processo de entrevista e pesquisa, nos aconteceu exatamente como no seguinte trecho:

"Minha experiência é de que as memórias são, regra geral, muito falíveis quanto a acontecimentos específicos" comenta R. R. James, "e muito iluminadoras quanto ao seu caráter e à atmosfera, coisas em relação às quais os documentos são inadequados". (...) Deve-se em parte a um menor interesse, mas também a muito menor ensejo de incorporá-los à memória, o fato de que se observa uma tendência geral de se lembrar muito melhor de processos recorrentes do que de incidentes singulares. (THOMPSON, 2002, p.180-181)

Dessa forma, foi muito mais fácil, por exemplo, recuperar informações a respeito do brilho da participação da zona boêmia no carnaval valadarense do que lembrar se ela tinha hora marcada para sair. O que foi possível reconstruir dessa época foi a rivalidade entre as boates e os luxuosos carros alegóricos lançados por elas.

A segunda etapa, a de produção do livro, iniciou-se através da decupagem das entrevistas e da análise do conteúdo delas, buscando pontos em comum, além de respostas ao problema da pesquisa.

Feito tudo isso, e com os dados já ordenados, começou a escrita do livro-



reportagem. Este divide-se em cinco partes, sendo cada uma delas um dia referente ao carnaval: Sábado, Domingo, Segunda-feira, Terça-feira gorda e Quarta-feira de cinzas. Para explicar a razão do nome de cada parte, vamos relacionar com a festa de carnaval. Esta começa, na verdade, no domingo. Sendo assim, o sábado foi incorporado ao período momesco pelos próprios foliões, antecedendo e abrindo a folia. Dessa forma, a parte do livro correspondente ao Sábado trata do que antecedeu de Valadares ser considerada como "o melhor carnaval de Minas", quando era um simples carnaval de interior.

Voltando à festa, o domingo é o primeiro dia de carnaval, e um dos principais dele. Era no domingo em que aconteciam os desfiles carnavalescos na avenida Minas Gerais. Considerando a importância desse dia para a festa momesca, o Domingo do livro conta a respeito dos anos áureos do carnaval valadarense, aqueles que conferiram à cidade o título de "melhor carnaval de Minas".

A segunda-feira de carnaval é ainda um dia de folia, mas não tão importante quanto o domingo ou terça-feira gorda, mas no qual o folião ainda aproveita muito. Assim sendo, a Segunda-feira do livro traz os anos em que o carnaval já não tinha o mesmo brilho de antes, mas também não estava na decadência que se seguiria nos anos 80.

A terça-feira gorda de carnaval é o dia de mais folia, pois a festa está no fim e os foliões querem aproveitar ao máximo. Em Valadares, era o dia em que as escolas de samba repetiam seus desfiles. Uma vez que o carnaval valadarense segue numa linha de decadência, a Terça-feira trata dos anos mais fracos da folia momesca, mas em seu último capítulo (Jubileu de Ouro e a Queda de Momo) conta a respeito do ano de 88, no qual a cidade comemorou seus 50 anos de emancipação política, e a administração municipal fez uma festa digna dos seus anos áureos. Mas foi também o último do carnaval valadarense.

A quarta-feira de cinzas, tanto na festa como o livro, já não é mais carnaval. Por isso as repercussões finais da folia momesca valadarense entram nessa parte. Ainda que algumas movimentações tenham sido feitas no sentido de tentar reviver a festa -ou protestar o fim dela- aquele carnaval que os valadarenses conheceram já tinha deixado de existir.

Importante aqui ressaltar são os poucos trechos ficcionais do livro. O prólogo e o primeiro parágrafo do primeiro capítulo, assim como os últimos trechos do livro e o epílogo são todos ficcionais. Não entra aqui a idéia de iludir o leitor, apenas de criar uma maneira de tornar a leitura mais atraente. Os trechos ficcionais do início do livro servem de forma que o leitor sinta vontade de continuar a ler e descobrir o que se passou. Já os trechos ficcionais que aparecem no final do livro, servem como forma de trazer à tona o sentimento de perda dos valadarenses que viram acabar a sua festa mais bonita. A relevância desses



trechos é discutida por Lima:

Pela maior extensão da reportagem em livro, o autor sente muitas vezes ser necessário alterar o usos das funções [de linguagem], empregando ora uma, ora outra, dentro daquele princípio básico de comunicação de evitar a dispersão do leitor e de criar artifícios que de vez em quando remodulem o ritmo da narrativa”. (LIMA, 2004, p.156)

Essa remodulações da narrativa aconteceram não somente nos períodos ficcionais, mas também no uso de diversas formas de linguagem como, por exemplo, os trechos de diálogos presentes. Esses recursos foram utilizados de forma a manter o interesse do leitor, muitas vezes saturado em relação ao estilo de escrita jornalística encontrado nas mídias tradicionais.

6 CONSIDERAÇÕES

No contexto de um jornalismo superficial e voltado apenas para o factual, o livro-reportagem surge como uma alternativa de tratar assuntos de interesse público e do público com mais profundidade. Por suas características inerentes, como a falta de periodicidade e a liberdade em relação ao factual, os jornalistas encontram no livro-reportagem um local apropriado para tratarem, com liberdade temática e de escrita, assuntos que consideram importantes de serem levados ao público, com as devidas reflexões feitas.

Assim sendo, o livro-reportagem é definido por Belo: “um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos” (BELO, 2006, p.41).

Através da liberdade temática, de angulação e de espaço dada pelo formato de livro-reportagem, o autor pode escolher o tema a ser tratado fugindo da “prisão” do factual. No formato de livro, temas considerados velhos podem adquirir novas abordagens, ou deslançar em novas conseqüências, ou ainda fazer relações com temas e situações atuais. Assim, um evento do passado, como o antigo carnaval de Governador Valadares, que não encontra espaço necessário para ser tratado nas mídias periódicas locais por não atender aos critérios de noticiabilidade, pode ser trabalhado numa narrativa de fôlego, abordando aspectos da festa pouco conhecidos do grande público.

Por essas razões, o critério da factualidade pode ser agora substituído pelo da atualidade, como se vê no seguinte trecho: “A atualidade não se refere ao fato, mas à forma como é transmitido, ou melhor, mediado. É o instante da mediação que realmente conta.



(...) Ou seja, nem sempre significa um fato novo.” (PENA, 2008, p.39-41). Nesse sentido, ainda que se pretenda esclarecer fatos que não eram de conhecimento geral, o livro-reportagem aqui atua principalmente no sentido de aprofundamento desse evento que, embora extinto há cerca de duas décadas, até hoje deixa marcas na sociedade. Perenidade, atualidade, temporalidade. Sobre essas questões Bulhões revela que:

“Um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma seqüência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade”. (BULHÕES, 2007, p.40)

Assim, a atualidade e temporalidade estão no livro-reportagem a serviço do público que irá receber a informação, pois este veículo não terá que se ater somente ao que está acontecendo naquele momento, mas poderá compreender de forma mais abrangente como fatos passados afetaram e ainda podem afetar a sua sociedade contemporânea. E é justamente essa característica de abordagem que faz com que o livro-reportagem adquira um caráter de maior perenidade, pois não é periódico nem será substituído. De modo contrário, a mídia cotidiana é pautada pelo efêmero, pois tão logo chega a edição seguinte, a anterior de nada serve.

Justamente por não se prender ao factual e por poder abordar temas que a grande mídia rejeita, o livro-reportagem promove um novo tipo de agenda e pode fomentar novas discussões na população. Esse agendamento, ou a teoria da agenda setting, é definido por Pena:

A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores da notícia tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. (PENA, 2008, p.142)

Dentro dessa perspectiva, um evento cultural extinto há mais de duas décadas não se encaixará dentro dos critérios de noticiabilidade dos veículos periódicos locais e, conseqüentemente, deixará de ser levado ao conhecimento do grande público valadarense, que por sua vez não discutirá a respeito dele. O livro-reportagem, portanto, define-se nessa



situação como possibilidade agenda alternativa, fazendo com que as pessoas de Governador Valadares conheçam, relembrem e discutam acerca de um marco cultural da história da cidade.

Nesse processo de agendamento por parte da mídia, acaba-se por reunir eventos distintos num mesmo tema, na chamada *tematização*. Dessa forma, assuntos semelhantes são agrupados e reunidos como se todos fossem parte de um único assunto. Essa tematização geralmente é dada aos assuntos de maior noticiabilidade, conferindo a eles uma evidência maior ainda. É o que diz Wolf:

A tematização é um procedimento informativo que faz parte da hipótese do *agenda setting*, representando uma modalidade que lhe é particular: tematizar um problema significa colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não tematizada. (WOLF, 2005, p.165)

Mas se eventos culturais, não contemplados pelos critérios de noticiabilidade tradicionais, forem distintos entre si, não poderão ser tematizados? E se não forem, qual a chance da população descobri-los e discutir sobre eles?

Numa relação mais estreita do livro-reportagem com agenda setting, o primeiro tem uma maior possibilidade de fugir desse agendamento, da tematização e abrir espaço para temas de relevância social, política, cultural e etc. que a mídia tradicional não cubra.

Temas que envolvem cultura, geralmente tão relegados, encontram no livro-reportagem um lugar ideal para trazer aspectos menos superficiais, mais entranhados nas origens e desenrolar de impacto na vida das pessoas envolvidas. O agendamento tem como consequência fazer como que as pessoas não tenham fácil acesso a determinado tipo de informação, mesmo se o público estiver interessado em buscá-lo. Assim, ainda que uma parcela da população se interesse em conhecer mais a respeito do antigo carnaval valadarense, achará pouco ou nada sobre o assunto para se informar. O museu da cidade já recebeu grande acervo por parte de ex-foliões ou de seus familiares, mas perdeu muito material em diversas mudanças. Nos livros referentes à história da cidade, o carnaval recebe cerca de duas a quatro páginas, sendo mais lembrada a rivalidade entre o Minas Clube e o Ilusão e pessoas da elite, sendo que a maior parte dessa história é deixada de lado. É nesse tipo de brecha deixada pela imprensa tradicional que o livro-reportagem pode atuar num sentido de agenda alternativa.



REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática. 2007.

COSTA, E. C. **Epopéia dos Pioneiros- a história de Governador Valadares**. Governador Valadares, 2006.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MONTENEGRO, A. T. **História Oral e memória**. São Paulo: Contexto, 2003.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Jornalismo Literário**. São Paulo:Contexto, 2006.

SANTOS, P. **O Katzensprung- crônicas reais com personagens reais**. Governador Valadares, 2000.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WOLF, M. **História das teorias de comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.